



COLECCIONAR EM PORTUGAL

DOAÇÃO CASTRO PINA

mnaa

Museu Nacional de Arte Antiga

**SANTA
CASA**

Mercado de Lisboa, for bon cause.

COLECCIONAR EM PORTUGAL

DOAÇÃO CASTRO PINA



M|C
Museu da Cultura

imc
INSTITUTO
DOS MUSEUS
E DA CONSERVAÇÃO

mnaa
Museu Nacional de Arte Antiga

**SANTA
CASA**
Associação de Lisboa. Por boas causas.

MUSEU NACIONAL DE ARTE ANTIGA
18 de Maio – 2 de Outubro de 2011

	APRESENTAÇÃO João Brigola Rui António Ferreira da Cunha António Filipe Pimentel
11	COLECCIONAR «PORTUGUÊS». A COLECÇÃO DE FRANCISCO CASTRO PINA Celina Bastos e Anísio Franco
27	CATÁLOGO MOBILIÁRIO Maria da Conceição Borges de Sousa
37	MARFINS Maria da Conceição Borges de Sousa
41	TÊXTEIS Teresa Pacheco Pereira e Teresa Alarcão
49	OURIVESARIA Luísa Penalva
65	CERÂMICA Rui André Alves Trindade
77	PINTURA, MINIATURA, ESCULTURA, VIDROS
81	BIBLIOGRAFIA

DANDO CUMPRIMENTO À VONTADE EXPRESSA EM VIDA POR SEU MARIDO, Francisco de Castro Pina, sobre o destino do espólio artístico que por quase meio século acumulara (e de cuja constituição emergira, como decorrência natural, a relação afectiva que os uniria para a vida, ratificada havia exactos trinta anos), sua viúva, Senhora D. Dinorah Castro Pina, promoveria, em 2009, a integração no acervo do Museu Nacional de Arte Antiga da quase totalidade desse património. Relegando-se ao papel discreto de *guardiã da colecção*; a mais não aspirando que à sua salvaguarda enquanto território identitário de uma história onde, de modo pertinaz, não reivindica papel algum (ainda se era, na verdade, a sua), deve-se-lhe, todavia, a sobrevivência desse conjunto de objectos e da história e histórias que tem para contar, por essa via o isolando entre os seus congéneres ritmicamente dispersos pelos avatares das sucessões. Um gesto raro de consciência cívica e patrimonial que importa devidamente sublinhar.

Para o Museu, a recepção deste legado significou a possibilidade de enriquecer as suas colecções em diversos domínios, do mesmo passo que o ensejo de estimular, pelo exemplo, uma atitude *civilizada* e que se impõe fazer frutificar. De facto, um museu é também uma colecção; somente, é uma colecção feita *para todos*, alimentada pelo esforço crítico dos seus responsáveis, no decurso do tempo, peça após peça também ela. Mas é uma colecção que cresce igualmente (e importa que assim possa crescer) por generosidades particulares; generosidades que configuram um acto de partilha por quem se comprazeu privadamente na fruição de um objecto (ou de um vasto número), mas que, por essa via, lhe(s) adquire projecção temporal – o dom surgindo como corolário afectivo da relação de posse.

Assim a *Colecção Castro Pina*, eternidade conquistada e *final feliz* para uma história de afectos que, começando por enleiar o seu mentor na sedução gerada por esta ou aquela peça, a cuja posse inteira sucessivamente aspira, apenas se afigura adquirir integral coerência quando engloba igualmente aquela que o tempo convertera na atenta condutora do seu próprio olhar (que ajuda a cultivar), antes de ascender ao posto central de *guardiã*. Assim as expressões que, no seu próprio relato oral, evocam a constituição desta como um *namoro*, em cuja aplicação «Levava muito tempo. Francamente, muito tempo» – atitude que em especial se surpreenderia na área em que

progressivamente mais se fixa: «as faianças Portuguesas [que] eram uma atracção que ele tinha».

Histórias á margem, a *Doação Castro Pina* contribui com oportunidade para o necessário desbravar de um território que vem já cativando o interesse dos estudiosos e, por essa via (a par da elementar justiça retributiva que configura) epistemologicamente se justifica a presente exposição. Efectivamente, fornece ela ensejo azado para uma diagnose crítica do acto de *Coleccionar em Portugal*, pela representatividade que possui em relação a uma atitude transversalmente cultivada, de modo quase hegemónico, pela geração que Francisco de Castro Pina integrou (atitude caldeada nas tertúlias em que, especialmente em Lisboa, um grupo nutrido de colecionadores, em concorrência, por longos anos se comprazera) e onde, pelas dobras de uma história social (ou cultural) do coleccionismo (e do antiquariato) que igualmente importa promover, se desvendam as razões de uma ética que se afigurava uni-los.

Reconhecem-se, com efeito, nesta colecção como na generalidade das coevas, um *ethos* quase cruzadístico de remissão (glozado em escalas diversas em sintonia com a própria diversidade dos meios de que dispunham) do património *português*, ameaçado pelas convulsões políticas, jurídicas e sociais que haviam dominado o último século e meio e que a rapacidade dos *marchands* ameaçava dispersar para sempre e sangrar para além fronteiras – os mesmos *marchands*, todavia, que nutriam as respectivas colecções. Donde a especial riqueza (do acervo Castro Pina como, em geral, dos contemporâneos) em áreas como o mobiliário, a ourivesaria, os têxteis e a cerâmica oriental e portuguesa; donde a importante complementaridade que, nesses domínios, forneceria às colecções do MNAA.

É tudo isto que a exposição *Coleccionar em Portugal. Doação Castro Pina*, na sua própria e intrínseca efemeridade (em fim de contas, integrada e catalogada no acervo do MNAA, a colecção constitui, doravante, uma realidade tão somente *histórica*) permite evocar e perspectivar: em termos tanto mais oportunos porquanto o mercado é hoje mais crítico, informado e intelectualmente aberto, numa acepção ela mesma aberta do património e das colecções onde os museus reivindicam um papel central. Porém, no frágil parêntesis temporal que ela permitirá e à margem de toda a exegese, viverá inteira (inteiramente em espírito, como determinadamente desejou) a figura sem a qual nada disto poderia ter lugar – a da sábia e discreta *guardiã* (a um tempo da colecção e do seu construtor), materializando na doação o último capítulo da sua história de vida. Da qual não tardaria a despedir-se, uma vez o dever cumprido. Evocando esse legado, o MNAA, agora *guardião* por vontade sua, cumpre também o seu histórico dever.

ANTÓNIO FILIPE PIMENTEL

Director do Museu Nacional de Arte Antiga

EXPOSIÇÃO

COMISSARIADO

Anísio Franco (coord.)

Celina Bastos

Luísa Penalva

Maria da Conceição Borges de Sousa

Rui André Alves Trindade

Teresa Pacheco Pereira (coord.)

COLABORAÇÃO ESPECIAL

Leonor d' Orey

Maria da Graça Lima

APOIO EXECUTIVO

Bolseiros, FCT:

Ana Filipa Sousa

Andreia Novo

Ema Ramalheira Rocha

Patrícia Milhanas Machado

Ramiro Gonçalves

Sónia Brochado.

Grupo de Voluntários, MNAA:

Carlos Pires dos Santos.

ARQUITECTURA

Manuela Fernandes, IMC

DESIGN DE COMUNICAÇÃO

Ana Sabino, João Bicker/FBA.

MONTAGEM

Construções Sampaio, Lda.

EDIVISA – Empresa de Construções, S.A.

Museu Nacional de Arte Antiga

CONSERVAÇÃO E RESTAURO

Departamento de Conservação

e Restauro, IMC:

Carlos Marques

Luís Filipe Pedro

Margarida Cavaco

Paula Monteiro.

Sofia Isabel Carreiro e Júlio

CATÁLOGO

COORDENAÇÃO EDITORIAL

Ana de Castro Henriques

TEXTOS

Anísio Franco

António Filipe Pimentel

Celina Bastos

Luísa Penalva (LP)

Maria da Conceição Borges

de Sousa (MCBS)

Teresa Alarcão (TA)

Teresa Pacheco Pereira (TPP)

Rui André Alves Trindade (RT)

FOTOGRAFIA

Divisão de Documentação Fotográfica/IMC:

Coordenação – Alexandra Encarnação

Fotógrafo – Luísa Oliveira, assistida por

José Moreira

Inventariação – Tânia Olim e José Moreira

Cadeira, Inv. 1696 Mov: IMC – Labora-

tório de Conservação e Restauro José

de Figueiredo: Fotógrafo – Luís Piorro

Texto *Coleccionar «Português»:*

© IMC/Paulo Cintra/Laura Castro

Caldas: fig. 8, 12-14; cortesia de Maria

da Conceição Ferreira Teles de Castro

Pina Antunes: fig. 1, 2, 7 e de João

Lopes da Silva: fig. 3-6; Espólio Castro

Pina: fig. 9 e 11

DESIGN

João Bicker/FBA.

IMPRESSÃO E ACABAMENTO

???

Tiragem: 1000 exemplares

Depósito Legal:

ISBN 978-972-776-432-7

AGRADECIMENTOS

Alcino Tavares

Alice Gão

António Trindade

Fernando Moitinho de Almeida

Francisco de Castro Pina Marques

Antunes

Helena Ramos da Silva

Henrique Braga

João Andrade

João Gonçalves do Amaral Cabral

João Lopes da Silva

João Miguel Teixeira

João Neto

Joaquim Oliveira Caetano

José Mário Andrade

Lourenço Campos

Luís Castelo-Lopes

Maria Ataíde Amado

Maria da Conceição Ferreira Teles
de Castro Pina Antunes

Maria da Graça Ferreira Lima

Maria João Vilhena de Carvalho

Paula Basso

Sofia Ruival

APOIOS

